

COISAS DA POLÍTICA

DORA KRAMER

JORNAL DO BRASIL

Sarney encanta a oposição

É impressionante e até mesmo surpreendente, mas José Sarney na presidência do Senado está agradando a ninguém menos que a oposição. Pelo menos duas manifestações já são explícitas. Uma, do líder do PDT na Câmara, Miro Teixeira, que não só tem uma avaliação positiva de Sarney como fundamenta suas razões com exemplos concretos, e mais: está em franca temporada de diálogo por ali.

Miro lista as qualidades de Sarney no discurso de reafirmação da independência do Parlamento, na disposição de limitar as medidas provisórias e liberar a pauta de vetos e na posição contrária à privatização da Vale do Rio Doce. "Ele quer tudo isso, nós também queremos. Portanto, não há razão para discutirmos o passado, o importante não é de onde vêm as coisas, mas para onde elas podem ir", argumenta.

A outra manifestação foi transmitida a Miro pelo presidente do PT, José Dirceu. Outro dia, os dois conversavam quando o líder do PDT jogou o verde: "Zé, tem notado como anda bom o Sarney?". O petista devolveu no mesmo tom: "Tão bom que ando precisando visitá-lo."

— O que é isso, companheiro? — diria em outros tempos um esquerdista de plantão.

Mas, pelo jeito, as coisas mudaram. E, deixando de lado as razões de Estado alegadas por Miro e das quais trataremos em seguida, se a aproximação prosperar, a possibilidade de reeleição de Fernando Henrique ganha, desde já, fértil campo de oposição. De um lado atua Sarney com projeto político próprio para 1998 e, de outro, a esquerda de olho em sua própria candidatura, tenha ela que nome for.

Bem, mas esse encantamento todo evidentemente não tem como justificativa qualquer jogo eleitoral. E aí entram as questões de Estado que, não se pode deixar de dar um crédito, estariam mobilizando verdadeiramente essa aproximação.

Há poucas semanas, Miro defendia a tese do pacto social, lançou a idéia em público, Fernando Henrique deu o sinal verde numa declaração feita na Europa mas, de volta ao Brasil, não tocou mais no assunto. Diante disso, o líder do PDT escreveu uma carta de 25 linhas e entregou aos presidentes da Câmara e do Senado.

Nela, insistia na tese do pacto, no texto chamado de "pauta mínima" para discussão e apresentação de projetos que resultem na durabilidade da estabilidade econômica. Estariam incluídas aí as reformas do Estado e tributária, a regulamentação do sistema financeiro, a reforma agrária, o restabelecimento do nível de emprego e a desoneração das folhas de pagamento das empresas.

Como sabe que a esquerda sozinha não leva o debate adiante e que, se tentar, cai no isolamento, Miro partiu para o caminho interno do Congresso.

Muito embora ainda nutra esperança de que Fernando Henrique retome a idéia e as conversas no sentido do pacto. Pelo menos foi isso que garantiu a ele José Sarney pouco antes do embarque do presidente a Bruxelas. Os dois — Miro e Sarney — ficaram de voltar a conversar sobre o assunto ontem ou hoje.

Mas, o que quer mesmo Miro Teixeira?

Em síntese, reformar as reformas. Aprofundá-las e torná-las efetivas. Na opinião dele, o que está sendo proposto pelo governo é um arranjo pífilo que não corta privilégios nem modifica coisa alguma. Um exemplo: a reforma administrativa remete os pontos mais importantes, como a estabilidade, para a lei complementar, e na visão de Miro ela, tal como está, serve apenas para agradar aos governadores e torná-los maleáveis à aprovação do Fundo Social de Emergência.

Outro exemplo de superficialidade citado por ele: não há ali nada escrito que limite as nomeações políticas. A argumentação é a de que o governo quer mudar, mas não quer prejudicar quem sempre se beneficiou, gente que na tradução de Miro representa "as oligarquias".

A intenção de ampliar os debates para além das picuinhas de governo e oposição é irretocável. Mas os parceiros escolhidos para encaminhar o aprofundamento dessas questões que significariam um desmonte do *status quo* é que talvez não compartilhem do mesmo apetite.

A menos que fique combinado assim: a partir de agora todas as raposas tornam-se por decreto vegetarianas.